

RECEITA DE MÉDICO



Paulo Hoff
Oncologista, diretor de
Oncologia da Rede D'Or



Desafio silencioso da medicina

Entre os diversos tipos de câncer conhecidos pela medicina, poucos representam um desafio tão grande quanto o câncer de pâncreas. Isso ocorre não apenas pelo comportamento frequentemente agressivo do tumor, mas principalmente pelo modo silencioso com que costuma se desenvolver.

Diferentemente de muitos outros tumores, o câncer pancreático raramente provoca sintomas claros nas fases iniciais. Essa característica faz com que o diagnóstico

precoce seja mais difícil e explica por que, em muitos casos, a doença só é identificada quando já está mais avançada.

O pâncreas é um órgão pequeno e discreto, localizado profundamente no abdômen, atrás do estômago. Apesar de pouco lembrado no dia a dia, exerce funções fundamentais para o organismo. Produz enzimas que participam da digestão dos alimentos e também hormônios importantes, como a insulina, responsável por regular o açúcar no sangue.

Alterações nesse órgão nem sempre produzem sinais evidentes. Quando surgem sintomas como perda de peso, cansaço, dor abdominal ou pele amarelada, muitas vezes a doença já está em estágio mais avançado. Estima-se que cerca de 80% dos pacientes recebam o diagnóstico nessa fase.

Todo ano, mais de meio milhão de pessoas no mundo são diagnosticadas com esse câncer. Atualmente, a taxa média de sobrevida em cinco anos gira em torno de 12%. Embora ainda seja inferior à observada em outros tipos, esse número vem aumentando progressivamente nas últimas décadas — um reflexo direto dos avanços da pesquisa médica.

Alguns fatores aumentam o risco de desenvolvimento do câncer de pâncreas, como ta-

bagismo, obesidade, consumo excessivo de álcool, sedentarismo e histórico familiar. Reconhecer esses fatores é importante não apenas para a prevenção, mas também para identificar pessoas que podem se beneficiar de acompanhamento médico mais cuidadoso.

A medicina começa a entrar em uma nova fase no enfrentamento desse tumor. A chamada medicina de precisão, por exemplo, permite analisar o DNA do câncer e identificar mutações específicas que podem orientar tratamentos mais direcionados. Em alguns pacientes, alterações genéticas já possibilitam o uso de medicamentos originalmente desenvolvidos para outros tipos de tumores.

A tecnologia também começa a desempenhar um papel importante. Sistemas de inteligência artificial já são capazes de analisar exames de imagem, como tomografias e ressonâncias, com grande precisão, permitindo diagnósticos cada vez mais precoces.

Além disso, novas terapias locais minimamente invasivas vêm sendo estudadas. En-

tre elas estão abordagens que utilizam radiação ou pulsos elétricos para tratar o tumor sem a necessidade de cirurgia convencional. Métodos como a radiocirurgia e a eletroporação irreversível já vêm sendo aplicados em situações específicas.

A radiocirurgia utiliza feixes de radiação altamente concentrados para atingir o tumor com grande precisão, poupando ao máximo os tecidos saudáveis ao redor. Já a eletroporação irreversível — conhecida como sistema NanoKnife — emprega pulsos elétricos de alta intensidade que alteram a membrana das células tumorais, levando à sua destruição sem produzir calor significativo. Essas abordagens podem ser especialmente úteis em tumores localizados perto de estruturas vasculares delicadas.

Nenhum desses avanços, isoladamente, elimina os desafios do câncer de pâncreas. Mas juntos mostram que estamos diante de uma mudança gradual no cenário da doença.

A história da oncologia revela que muitos tumores considerados extremamente difíceis no passado se tornaram progressivamente mais tratáveis à medida que o conhecimento científico avançou. Há motivos para acreditar que o câncer de pâncreas também possa começar a trilhar esse caminho.